

MAIS EDUCAÇÃO DIGITAL

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO

Hoje, não raro, muitos comentam um texto escrito ou digitalsem o ter lido. Em geral, com parcialidade e posicionamentos radicais. Tampouco se esforçam por interpretá-lo. Contentam-se com uma leitura superficial. Isto acontece também com fatos e a realidade da vida e do cotidiano. São pessoas apaixonadas e fanáticas por um partido, ideologia ou credo. Dividem “*ipso facto*” aqueles que são a favor e os contra. Outrora, a Filosofia chamava-os de maniqueístas. Nos sites de notícias e blogs existem os comentadores de plantão. Não se trata dos “*haters*”, que publicam textos irados com a finalidade de se divertirem sadicamente. São pessoas comuns, talvez, de nossa convivência ou proximidade.

Na internet, há um sinal (“*hashtag*”) que direciona navegadores para matérias idênticas, similares ou conexas em outras páginas. Clicar e saber o que ali é dito ou escrito, parece demais para muitos. Fica-se satisfeito com as manchetes e, o pior, opina-se de forma intransigente sem saber do que realmente se trata. Ler ou ouvir certos nomes de pessoas, já é motivo para opiniões polêmicas, discussões extremadas e sentenças dogmáticas. As ideias preconceituosas já estão arraigadas e não se admite rever posições.

Frequentemente, mensagens falsas são reproduzidas sem o menor cuidado de verificar a sua veracidade. Há quem chegue a conferir a procedência dos dados. Entretanto, buscam-se em geral fontes que vão corroborar o preconceito e o ódio. Pesquisar em lugares diferentes o contraditório, ser crítico e posicionar-se com a devida parcimônia, não é comum entre os que divulgam e comentam notícias e eventos nas redes sociais. Preferencialmente, vitimam-se políticos, religiosos, militares, intelectuais e artistas.

Muitos não conseguem perceber como funciona a dinâmica dos meios de comunicação e acabam se tornando verdadeiros monstros digitais. O mal que destilam e disseminam faz parte de suas vidas. Ocorre a versão atual do dito popular “*o que é de casa vai à praça*”. A internet é um espaço público, que não admite privacidade. Nem nossas caixas de e-mail estão isentas de acesso por outros, incluindo o site que as hospeda. Tinha razão Cristo, quando proclamava: “*Pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado*” (Mt 10, 26).

Os perfis em contas, como Facebook, Twitter, Snapchat etc. são uma espécie de extensão das pessoas. E alguns os veem como sendo eles próprios. E, de fato não estão errados, pois são seus prolongamentos, na profética definição de Marshall McLuhan. A metáfora do muro é bastante apropriada para falar das redes sociais. O que é postado ali vira domínio público, portanto, suscetível de intervenções externas. Outrora, havia as rodas das calçadas – que no Seridó eram chamadas de “bolandeiras” – onde se espalhavam notícias, boatos, críticas e até calúnias. São precursoras dos blogs e sites, nos quais o dito ou escrito dissemina-se incontrolavelmente. Sabe-se que opiniões distorcidas sobre um fato influenciam rapidamente. E o ódio e a intolerância, ali espalhados, vêm gerando uma sensação de revolta e desesperança. Ou pior, vão se multiplicando até que a ira no mundo virtual invade a vida real. Os usuários das redes acham que podem “*viralizar*” tudo. Perderam-se o respeito ao outro e à sua reputação, o bom senso e a preocupação em não atingir a dignidade de outrem. Em segundos, a honra de alguém é destruída. Culpa da tecnologia? Esta apenas globalizou e tornou mais visível nossa levandade. Ajudou os pares a se encontrarem com facilidade (“*Similes cum similibus*”). O problema está em que insensatos, medíocres, levianos e preconceituosos unidos estão tentando impor seus anti-valores, respaldados falsamente em leituras apressadas, sofismas, alevisias e sandices, que não resistem a uma crítica mais profunda. Mas, são elas que tentam dominar e invadir os noticiários, sobretudo, ditar o convívio social.

Eis mais um desafio e um convite a pensar nas palavras de Cristo: [Um dia], “*conhecereis a verdade e ela vos libertará*”! (Jo 8, 32). Na sua viagem de Lisboa a Roma, em 13 de maio findo, o Papa Francisco recomendou aos profissionais da mídia: “*Não caiam, por favor, na tentação da maledicência, calúnia ou difamação*”.